

# BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS  
2.º VOLUME

♦  
*ANTÓNIO MARINHEIRO*  
*OS ANJOS E O SANGUE*  
*O DUELO*  
*O PECADO DE JOÃO AGONIA*  
*ANUNCIAÇÃO*

♦  
*ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS*  
*DE LUIZ FRANCISCO REBELLO*



---

**Título: Obras Completas — 2.º volume**

---

**Autor: Bernardo Santareno**

---

**Capa: Delgado Godinho**

---

**Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho**

---

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão  
da Editorial Caminho**

---

**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL  
Lisboa, 1985**

---

**Tiragem: 3000 exemplares**

---

**Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.**

---

**Data de impressão: Dezembro de 1985**

---

**Depósito legal n.º 7002/85**

---

# BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS  
2.º VOLUME



*ANTÓNIO MARINHEIRO*  
*OS ANJOS E O SANGUE*  
*O DUELO*  
*O PECADO DE JOÃO AGONIA*  
*ANUNCIAÇÃO*



*Organização, posfácio e notas*  
*de Luiz Francisco Rebello*

**editorial**  
**CAMINHO**

**O PECADO  
DE JOÃO AGONIA**

Peça em três actos  
e três quadros

1.ª edição, 1961, juntamente com *Irmã Natividade* (Divulgação); 2.ª edição, 1969 (Ática).

Representada pela primeira vez em 12 de Novembro de 1969, no Teatro Capitólio, pela Companhia do Teatro Nacional, numa encenação de Rogério Paulo, com cenários de Lucien Donnat e interpretada por Mariana Rey Monteiro (Rita Agonia), Céu Ricardo (Teresa Agonia), Glicínia Quartim (Rosa Agonia), João Perry (João Agonia), Oscar Caetano (Fernando Agonia), Josefina Silva (Guilhermina Giesta), Henriqueta Maya (Maria Giesta), João Lopes (Tóino Giesta), Rogério Paulo (José Agonia), Carlos Santos (Manuel Lamas), Varela Silva (Carlos Agonia), Paiva Raposo (Miguel Agonia).

Tradução espanhola de Victor Aúz, publicada na revista *Yorick* (1966) e representada em Barcelona em Fevereiro de 1965.

## Personagens

JOÃO AGONIA — 22 anos  
RITA AGONIA — 50 anos  
JOSÉ AGONIA — 50 anos  
TERESA AGONIA — 16 anos  
ROSA AGONIA — 80 anos  
FERNANDO AGONIA — 24 anos  
MIGUEL AGONIA — 60 anos  
CARLOS AGONIA — 55 anos  
MARIA GIESTA — 20 anos  
TÓINO GIESTA — 16 anos  
GUILHERMINA GIESTA — 50 anos  
MANUEL LAMAS — 21 anos

POVO

Local de acção: Um qualquer lugarejo serrano e primitivo, em Portugal.

Actualidade

## Primeiro acto

CENÁRIO: *A cozinha na casa de José Agonia: lareira baixa, muito espaçosa; mesa e cadeiras; prateleiras para a loiça, etc.*

*Uma porta interior e outra que dá para a rua.*

*É noite: a candeia está acesa; fogo vivo na chaminé. Chuva e vento rijo, lá fora.*

*Ao subir o pano, Rita, debruçada sobre a frigideira, prepara uma fritura; Rosa, enrodilhada num canto da lareira, ao lume, dormita; Teresa, muito ladina, põe a mesa.*

### Cena I

RITA (*sempre cozinhando*): Já é noite cerrada...

TERESA: Não tardam aí, minha mãe!

RITA (*suspendendo a tarefa*): Credo, Santo Nome de Deus, que temporal este!...

TERESA: Ora, é Inverno!...

RITA (*enquanto se dirige para a porta da rua*): Pois é, mas... este ano está pior! (*A espreitar para o exterior, através dum postigo que entreabriu.*) Jesus, cada vez cai mais neve!... (*Rajada mais forte de vento.*) Eh, alma do diabo! Esguedelha-te praí à tua vontade, maldito! (*Fecha violentamente o postigo. Voltando ao centro.*) Raio de vento! Não te pôr Deus uma mão na boca, não te calar Ele para sempre!... (*Teresa, cantarolando, passa junto de Rita, a correr, com um braçado de flores silvestres.*) Xó, mula, tonta! Então não

querem ver isto?! Por um pouco não me... Queda, Teresa! põe freio nessa doidice!...

TERESA (*deixando, por momentos, de ornamentar com as flores um tosco vaso de barro*): O nosso João vem aí, mãe!!... (*Grande riso alvoroçado.*)

RITA (*perdida logo toda a agressividade; ternura*): Ai, tomara-o eu já cá!... (*Mais audível o vento; preocupada.*) Jesus, que ventania, que nevão este! Queira Deus que não lhes aconteça qualquer...

TERESA (*interrompendo, vibrante*): Não acontece! Não acontece nada, mãe!

RITA (*sempre apreensiva; uns passos, outra vez, na direcção da porta*): A serra está coberta de gelo, cobertinha: mais branca que o sudário de Nosso Senhor!...

TERESA: Ora, o nosso João gosta da neve! E eu também...

RITA: Pois é, já sei, mas assim... (*Irritação súbita, voltando-se para Teresa.*) Ó rapariga então tu não vês que...?! Ai, estes caminhos são um perigo, uma ratoeira do diabo!... (*Angustada.*) De noite, Teresa, de noite!...

TERESA (*convicção ardente*): Qual quê?! Estão a chegar. (*A bater palmas, ferosa.*) Quem me dera, quem me dera vê-los!... (*Sombras repentinas.*) E se o João vem mudado, mãe?... (*Varição rápida.*) Ih, que cheiro a queimado?!...

RITA (*que, correndo, acudiu à fritura*): Pronto, nestes já ninguém mete o dente!... (*Logo terna.*) Rico filho! Há mais dum anos, que a gente o não vê...

TERESA: Deus queira que ele venha vestido de soldado: a farda há-de ficar-lhe bem!...

RITA (*que continua a fritar pastéis*): Qual farda, qual...?! Que ele não me apareça aqui assim: tenho raiva à tropa... gana funda, cá dentro! Cria a gente um filho pra... Primeiro o Fernando, agora o João... Mas acabou-se a vida militar nesta casa!...

TERESA: Estou mais contente, minha mãe! Mais contente!... Agora, ficamos todos os três aqui: eu, o Fernando e o João. Toda a vida, toda a vida: nunca mais nos separamos!

RITA (*troça enternecida*): Pois, toda a vida! Cada vez estás mais verde de entendimento, Teresa: o teu pensar vale tanto como... uma castanha bichada! Ai, toda a vida!... Ó rapariga, olha que tu já tens dezasseis anos!...



TERESA: Ó mãe, eu nem posso acreditar: pois é certo que o nosso João vem de todo, que já não volta prò quartel?!

RITA: É certo, filha.

TERESA (*num repente, abraçando Rita*): Ah, minha mãe?!...

RITA (*procurando equilibrar a frigideira*): Queda, rapariga! Olha que entornas o azeite...

TERESA: Sabe uma coisa?...

RITA: Lá vens tu com...

TERESA: Tenho medo... Que quer vossemecê? Tenho muito medo...

RITA: Também eu, filha: com um tempo destes...

TERESA: Ah, mas não é disso! Qual quê?!... O Fernando foi esperar o João: e eles os dois, juntos, andam mais afoitos na serra que a gente aqui dentro, nesta cozinha!

(*Mais forte o vento.*)

RITA (*que se benze*): Jesus, que temporal desfeito!... (*De novo a espreitar ao postigo.*) O que vale é que faz luar...

TERESA (*por detrás de Rita, a observar também*): Ih, Lua mais graúda!... Veja, mãe, toda recortadinha: nunca tal vi!... Toda às folhas... (*Arrepio, fechando bruscamente o postigo.*) Deixe, mãe, venha pra dentro!...

RITA (*que volta para a lareira, tirando a frigideira do lume*): Pronto, estou farto de fritos!... (*Nervosa.*) Eles já cá deviam estar! Logo calhou uma noite destas... (*Mais rijo o vento.*) Eh, vento! Eh, vento lobão! E não se alevantar por aí um monte alto... alto, até ao céu!, que te quebrasse a cavalgada, que te rompesse o bailaroco!... (*Ambas as mãos nos ouvidos, angustiada.*) Não posso, não aguento mais este ventão: entra-me por aqui (*indica uma orelha*) e sai por aqui... (*indica a outra*) deixa-me a cabeça arrasada, devastadinha!...

TERESA: Ora! não se rale assim, minha mãe: nem dez ventos como este eram capazes dos vindimar!... (*Sombria.*) Não é isso que a mim me dá cuidados: o meu medo é outro...

RITA: Outro?!...

TERESA: Tenho medo que ele venha mudado, minha mãe; que já não seja pra mim o que dantes era...!?

RITA: Essa agora! E por que havia o João de voltar diferente?!...

TERESA: Sei lá!... Tanto tempo... Lisboa!...

RITA: Porventura o teu irmão Fernando mudou, na tropa? E olha que ele, coitadinho, ainda cumpriu mais cinco ou seis meses que o João! Já tu vêes...

TERESA: Não é o mesmo...

RITA: Não é o mes...?! São ambos meus filhos e...

TERESA (*protesto ardente*): O Fernando e o João não são iguais, minha mãe: diferentes, mais diferentes que o dia e a noite!...

RITA: Ora, coisas tuas! O Fernando é mais alegre, o João mais metidinho consigo... Isso que tem?!

TERESA (*enervada*): Tem muito, mãe! E vossemecê bem o sabe... Mas, não entendo porquê?, de há um tempo pra cá, cossemecê só se sente prazenteira a trocar-me os caminhos, a cuspir-me as palavras... Cuida que eu sou tonta?!

RITA (*cansaço rude*): Ora, ora, bem me importa a mim isso que tu...! (*Irritada, gestos.*) Vejam lá, vejam lá: queres tratamento de senhoria!? (*Um passo para Teresa, apontando.*) Tu cantas de galo, rapariga!, e não passas duma franganeca... (*a mimar grotescamente*) pinta mal asada!... (*Dirigindo-se para a porta; mudança súbita.*) Jesus, Jesus! Aqueles moços que nunca mais vêm!?!...

TERESA (*ferida, zangada*): Vossemecê bem sabe que eu falo direito. Ainda a semana passada, quando a cabra branca pariu os dois cabritinhos... Julga que eu não ouvi o que então disse ao pai?!...

RITA (*parando e voltando-se para Teresa*): Pois estavas lá no curral?!...

TERESA: Sim, senhora! E vi e escutei tudo muito bem. Quando o pai descobriu que uma das crias era cega...

RITA: Não sei como ele foi capaz de perceber logo tal coisa: o cabrito era igual, igualzinho ao outro...!?

TERESA (*sempre agressiva*): Mas era cego! Foi então que vossemecê se largou a chorar...

RITA (*dura*): E daí?! Tive pena, pois então!...

TERESA (*uns passos para Rita*): Vossemecê chorou, porque o cabritinho cego lhe trouxe à lembrança o nosso João: disse-o ao pai, que eu bem ouvi!...

RITA (*troça forçada*): Agora é que eu acabo de crer que tu... Ah, Teresa, olha que o João, graças a Deus, tem dois olhos são e lindos como dois sóis!?!...

TERESA (*logo apreensiva*): Pois tem, mas...

RITA (*as mãos na cinta, exagerada*): Mas, o quê? Pois já se viu uma cegarrega assim?!...

TERESA (*explosão*): Ele não é como o Fernando! (*Silêncio; quase a chorar.*) Na alma do João faz sempre escuro... (*Invectiva, nervosa.*) Ria-se de mim, faça surriada à sua vontade: tanto se me dá!... (*Outra vez triste; ternura magoada.*) Ele é ceguinho... por dentro, minha mãe!...

RITA (*impressionada*): É... o nosso João é triste... atreito a cismas... Mas logo muda, verás: deixa-o casar, ter filhos...!

TERESA (*estranheza sem malícia*): Casar?!... Filhos?...

RITA (*taciturna*): Pois! E daí?!... O que é que tu esperas? Mais dia, menos dia, o João casa-se, está visto!... Ai, pouco mais tempo nos gozaremos deles, Teresa! O Fernando ainda este ano...

TERESA (*rude, hostil*): Está sôfrega, a Mari'Giesta!...

RITA: Então, é a vida...

TERESA: Casar, casar! Credo, Santo Nome de Deus, mas isso não é nenhuma sangria desatada!...

RITA: Boa moça, a Mari'Giesta, isso é que ela é!

TERESA (*rápida*): Pois eu não gosto dela.

RITA (*triste*): E a seguir vai o João...

TERESA (*impetuosa*): Não senhora!

RITA: Não senhora?! Porquê, Teresa?!...

TERESA: Não quero que o nosso João case!

RITA: Pois casará. E daí, pode muito bem suceder que, ainda antes do João, vás tu...

TERESA (*prudor vivo*): Não manguie comigo, senhora mãe!...

RITA (*a brincar*): Pois olha que eu ando a modos desconfiada...!?

TERESA (*zangada*): Vossemecê quer que eu me vá embora daqui?...

RITA (*maliciosa*): O Tóino Giesta não te larga!...

TERESA (*riso agudo, escarninho*): O quê?! O Tóino, o Toinito?! Ai, deixem-me rir!...

RITA: Eh, Teresa, que diabo de risota é essa? tens medo de enferrujar os dentes, hã?! Naturalmente o Tóino Giesta não é um bom rapazinho, lesto e sem defeito, bem-parecido como os que o são...!

TERESA (*raiva cômica*): Mas ele é... é ainda um menino: não me fale no Giesta, minha mãe!

RITA (*rindo*): Tem dezasseis anos... como tu, Teresa!?

TERESA (*batendo os pés*): Não quero!

(*Rajada de vento mais forte.*)

RITA (*logo preocupada*): Ouves? Estás a ouvir?! Jesus, e eles sem virem!...

TERESA: Ora, não tardam aí um fiozinho de azeite...

(*Indica, com a cabeça, a candeia; ao mesmo tempo, com os dedos, gesto significativo de pequenez. Lá fora, muito perto, um uivo prolongado e esquisito: meio cão, meio lobo.*)

RITA (*nervosa, deixando cair no chão uma caçarola*): Maldito cão! (*Vai até à porta da rua e abre rudemente o postigo; a gritar para fora.*) Calada, «Ruço»! (*Outra vez, mais forte, o mesmo uivo.*) Ah, demónio!... Cale-se, cale-se já! Olha que apanhas, «Ruço»!... (*Cerra o postigo.*) Não posso ouvir este cão, não posso!...

TERESA: Dá choque, dá...

RITA: Pois o teu pai trá-lo no coração; não há bicho de que ele mais goste! Jesus, vão lá falar-lhe em correr com o cachorro daqui! Um animal destes, um maldito do inferno, que mais parece lobo do que...

TERESA: E é: filho de cadela e de lobo.

RITA: Mas mais lobo... mais lobo do que cão. Estás a ouvir estes uivos?!...

TERESA: Ih, minha Nossa Senhora, até arrepiam as tripas da gente!...

RITA: Chama os lobos... em vez de os enxotar, chama-os pra cá, namora-os!... (*Novo uivo, mais prolongado.*) Credo, Senhora da Lapa! (*Benze-se.*)

TERESA: É o pai sem vir da feira!?

RITA (*irritação*): O quê, o teu pai?! Então tu cuidas que ele se afoitava por esses caminhos, com o tempo assim?! Olha quem!...

TERESA: Deus queira que ele não tenha vendido a vaca malhada: tinha tanta pena!...

RITA: E tu a dares-lhe! Precisamos do dinheiro, rapariga: o casamento do Fernando...

(*Outra vez, o cão.*)

TERESA (*com medo*): Aquilo... é o «Ruço» ou é um lobo a sério?...

RITA (*nervosismo*): É o cão, é o malvado do cão!...

ROSA (*que tem uma demência senil, acorda, boceja, espreguiça-se: depois, rápida, tira um pastel do prato, logo o mettendo na boca; voraz, sôfrega*): Tenho fome...

RITA (*batendo na mão de Rosa*): Queda, mãe! Espere pelos outros...

ROSA (*a gritar: choro agudo, desganhado*): Acudam, acudam! Aqui d'el-rei! Acudam!...

TERESA: Cale-se, avó!...

ROSA: Aqui d'el-rei! Matam-me, matam-me!... (*Foge, de gatas, pela chaminé: Teresa e Rita agarram-na. De repente, levanta-se: em pé, sobre a lareira, muito direita, vestida de negro, esfarrapada; voz gutural, com agudos riscados.*) Rita, Ritona! Pele de cobra, mãos de sapo, olhos de coruja!... Rita, Ritona! Que as formigas te comam as vistas, que uma nascida ruim te roa as tripas!... Rita, Ritona! Pele de cobra, mãos de sapo, olhos de coruja!...

TERESA (*oferecendo um frito a Rosa*): Tome lá, avó: sente-se e coma. (*Rosa obedece: come sôfrega.*)

RITA (*pesada, triste*): A raiva que ela me tem, Teresa!...

TERESA: É uma inocentinha, coitada...

RITA (*violência*): Nunca me pôde ver, nunca! Desde o dia em que eu me casei com o teu pai! Não queria, a fidalga: enxergava manjedouras mais altas prò filho!... Ela nem sempre foi como hoje é: isto, esta variação da cabeça, só tem de há meia dúzia de anos pra cá... Sempre me teve ódio, sempre! Rita, Ritona!... Ainda um dia estalo a casca do ovo, e vão ver o pinto que daqui sai; eu não sou santa de altar, nem madre abadessa, nem cónega benta!... (*Mudança.*) Deixa cá ver o azeite, Teresa!?

TERESA (*que executa*): Tome lá. Essa torcida é mais grossa, bebe mais!...

RITA (*vazando o azeite na candeia*): Jesus, Jesus, que demora esta! Os teus irmãos já deviam cá estar. Queira Deus que não...

TERESA: Não se encha de fezes, mãe: eles vêm. O vento agora está mais brandinho... Aposto o que vossemecê quiser: não tarda, rebentam aí que nem dois foguetes de luzes!

RITA (*depois de encher a candeia, fica absorta, a almotolia levantada na mão, a luz focando-a ao nível do rosto.*)